

ALTERIDADE E DIÁLOGO EM MARTIN BUBER ENTREVISTA COM GIZELE PARREIRA

Instituto Federal de Goiás/ (IFG)

José Anchieta de Oliveira Bentes¹

Huber Kline Guedes Lobato²

Resumo

A entrevista com Gizele Parreira foi realizada por meio de *e-mails* com os professores José Anchieta de Oliveira Bentes e Huber Kline Guedes Lobato, no mês de dezembro de 2019. Nessas interlocuções por meio da internet a entrevistada faz relevantes reflexões sobre o pensamento de Martin Buber, tendo como base a alteridade e o diálogo nas ciências humanas, no campo educacional, nas discussões sobre classes, gêneros e raças e na compreensão da situação política atual em nosso país.

Palavras-chave: Alteridade. Diálogo. Buber.

OTHERNESS AND DIALOGUE IN MARTIN BUBER INTERVIEW WITH GIZELE PARREIRA

Abstract

The interview with Gizele Parreira was conducted in e-mails with the teachers José Anchieta de Oliveira Bentes and Huber Kline Guedes Lobato, on December of 2019. The discussions on the Internet, Gizele Parreira on Martin Buber's thoughts, based on alterity and dialogue in the human sciences, in education, in discussions about classes, genders and races and in understanding the current political situation in Brazil.

Key words: Otherness. Dialogue. Buber.

¹ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED).

² Professor Assistente da Universidade Federal do Pará (UFPA), Curso de Letras Libras.

ALTERIDAD Y DIÁLOGO EN MARTIN BUBER ENTREVISTA CON GIZELE PARREIRA

Resumen

La entrevista con Gizele Parreira ocurrió en correos electrónicos con los maestros José Anchieta de Oliveira Bentes y Huber Kline Guedes Lobato, en diciembre 2019. Las discusiones en Internet, Gizele Parreira reflexionan sobre los pensamientos de Martin Buber, basados en la alteridad y el diálogo en las ciencias humanas, en educación, en discusiones sobre clases, géneros y razas y en la comprensión de la situación política actual en Brasil.

Palabras clave: Otredad. Diálogo. Buber.



Gizele Parreira

Gizele Parreira é Psicóloga pela PUC-Goiás/BR (1988); autora do Livro Martin Buber e o Sentido da Educação (2016). Está em Estágio Pós-Doutoral em Psicologia pela Universidade de Lisboa/PT (2017- 2020). Tem Doutorado em Educação pela PUC-Goiás/BR (2010), Mestrado em Educação pela PUC-Goiás/BR (2005), Especialização em Gestalt-Terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-Terapia de Goiânia - ITGT/BR (1996), Especialização em Educação Infantil pela Universidade Federal de Goiás/BR (2000). Possui experiência na área de Psicologia, Psicologia Infantil, Psicologia Escolar, Psicologia da Educação, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da

Aprendizagem, Psicopedagogia Clínica e Institucional. Atualmente é professora/pesquisadora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/BR (IFG)/Campus Goiânia em regime DE (Licenciaturas e Mestrado Profissional em EPT - ProfEPT). Trabalha com os seguintes temas: Educação Dialógica em Martin Buber; Psicologia da Educação e Formação de Professores; Aprendizagem Humana e Dificuldades de Aprendizagem; Teoria de Matthew Lipman: Diálogo Investigativo, Habilidades Cognitivas e Experiência de Aprendizagem.

José Bentes e Huber Lobato: *Neste dossiê temático da revista Periferia discutimos o tema da alteridade e do diálogo em autores como Martin Buber, sendo assim, gostaríamos de saber: quais os fatores que levaram você a desenvolver estudos e pesquisas a partir do pensamento de Buber?*

Gizele Parreira:

Falar do meu “envolvimento” com Martin Buber, de certo modo, é falar sobre minhas trajetórias-na-vida; o que, necessariamente, também significa falar da minha história, da minha existência como pessoa e como profissional. Dessa forma, deter-me ante os “fatores que me levaram a desenvolver estudos e pesquisas a partir do pensamento de Buber”, acaba por remeter-me a memórias de toda uma vida fundada em experiências e vivências significativas e concretas, para as quais sempre me voltei com muito empenho e dedicação.

Digo que mesmo diante dos revezes, não me lembro de retroceder. Ao contrário, alguns embates serviram como alimento para que minha alma, por vezes aflita, pudesse reorganizar-se e dar continuidade às lutas. Revisitar, neste momento, a minha história permite-me perceber que cada detalhe de minha existência foi edificado sobre muito interesse, responsabilidade, enfrentamento e dedicação. Igualmente, sobre muita afetividade, sensibilidade e disponibilidade para estabelecer relações e poder contribuir para que as pessoas que cruzavam meu caminho pudessem, de alguma forma, sentirem-se melhor. O que, em alguns momentos, fez-me notar preterida diante da

equivocada percepção [de alguns], de que características absolutamente humanas não têm valor.

Apesar disso, não abri mão de uma grande convicção: crer que pessoas devem ser consideradas como tais, isto é: seres humanos; e que tempos ruins devem servir para nos impelir à busca de alternativas diferenciadas frente aos enfrentamentos. Não entendo isso como utopia, e se o for, defendo a ideia de que para consolidar uma realização, é preciso antes nos embrenharmos na utopia e gestar novas possibilidades. Interessante este exercício de olhar para trás e ver toda minha caminhada. É o mesmo que ver o quanto minha trajetória tem sido meu próprio agente revitalizador, nutrindo meu anseio de prosseguir em frente, acreditar e confiar no potencial humano das pessoas. E dar conta de que minha atitude — anseio de minha alma incorporado à ação do meu corpo — pode deixar uma marca no caminho que percorro e nas pessoas com quem cruzo.

Assim me expresso porque preocupo-me com as marcas que deixo, bem como com as que ainda quero deixar. Aprendi isso com minha mãe. Trago guardado em minha lembrança cenas de minha mãe dizendo a mim e aos meus irmãos o que, ainda infante, entendi primar por valores e princípios que nos diferenciam de indivíduos que não se importam com o seu semelhante. Desse modo, “munida” dos ensinamentos maternos e influenciada por preceitos de uma educação escolar salesiana — as quais deixaram boas lembranças, grande saudade, noções básicas sobre empatia e alteridade — não foi em vão que escolhi trilhar a área de Humanas aliada às ciências da saúde. Contado isso, foi na Psicologia e, logo em seguida, na formação em Gestalt-Terapia que conheci o pensador Martin Buber e sua Filosofia Dialógica. Gosto de dizer que vivenciei, desde então, uma identificação-à-primeira-vista. Não tenho disso, a menor dúvida!

José Bentes e Huber Lobato: *De que forma os temas “alteridade e diálogo” devem, a cada dia, ser discutidos no âmbito da pesquisa nas ciências humanas?*

Gizele Parreira:

É interessante que toda pesquisa nas Ciências Humanas, ao investigar seu objeto de estudo, parta de um pressuposto que deixe clara a visão de homem e de mundo do pesquisador. É uma questão de coerência. Assim, lidar sistematizadamente com qualquer tema, à luz da Filosofia Dialógica requer domínio teórico, identificação [por parte do pesquisador] e domínio teórico sobre a intenção, as ideias, os conceitos estabelecidos e as influências constituidoras do pensamento de Buber. Desconsiderar isso é fragmentar e reduzir o constructo teórico e o legado deixado por ele. Ora, a palavra “humanas” já nos remete à questão da alteridade. Impossível pensar em algo que faz referência ao humano e não apreciar a interdependência que implica este tipo de existir no mundo. Quanto ao diálogo, devo acrescentar a importância de, no contexto buberiano, que é preciso destacar que o adequado é sempre nos referirmos ao “Diálogo em Buber”. Visto que, neste caso, o conceito de diálogo assume uma conotação bem mais ampla do que é apresentado tanto nos verbetes dos dicionários, quanto em inúmeros outros pensadores que citam sobre o conceito desta palavra. Diálogo em Buber é atitude.

Veja bem, não estabeleço aqui uma escala de valores quanto aos conceitos que se diferenciam da perspectiva pensada por Buber. Apenas noto a importância de se compreender a diferença. Para isso, retiro de mim mesma e de Buber, o que deve, impreterivelmente, ser entendido como Diálogo a partir da perspectiva buberiana. A saber: “Para Buber, o diálogo transcende a articulação de vocábulos que constituem a língua em si, marcando profundamente a maneira pela qual uma pessoa se coloca diante de outra, ou seja, o legítimo diálogo indica o verdadeiro voltar-se-para-o-outro” (PARREIRA, 2016, p. 82).

Ainda segundo Zuben (2003, p. 166-167): “A proposta dialógica também não é um constructo antropológico ou psicológico para explicar a interação dos indivíduos em sociedade, ou seu processo de comunicação”. E acrescenta: “A concepção buberiana do diálogo é ‘atípica’ porque se recusa a tratá-lo como simples processo psicológico ou mero meio de comunicação”.

Na verdade, “A perspectiva de vida dialógica anseia por uma existência fundamentada em genuínas relações inter-humanas que provoque no homem uma atitude diferenciada de olhar e de se prestar ao mundo em que está, bem como ao outro que vem ao seu encontro; é um modo de apreender o ser na totalidade em que ele se constitui. Não se trata, no entanto, de um modo qualquer, mas de um modo único, que possibilita o encontro do homem com seu semelhante de uma maneira legitimamente dialógica” (PARREIRA, 2016, p. 82).

José Bentes e Huber Lobato: *No campo educacional, mais precisamente na sala de aula, como a “alteridade e o diálogo” devem ser utilizados como princípios das relações humanas?*

Gizele Parreira:

Este assunto fica bem claro no meu livro. Nele eu trato especificamente sobre a “função da educação”. Questão que foi amplamente pensada por Buber e que constitui um ponto importantíssimo de suas reflexões. Para ele o grande problema do homem moderno reside no esfacelamento das interações, causado pelo distanciamento entre as pessoas, negativamente influenciadas e sucumbidas pela objetivação e coisificação dos relacionamentos. Explico melhor: a atitude dialógica na sala de aula é o que pode impactar o sentido da educação, pois ela contempla a necessidade da relação professor-aluno ir além do campo pedagógico e adentrar o campo dialógico, vislumbrando a “transformação” das salas de aula em pequenas comunidades que ascenderão para uma comunidade maior: a comunidade supra-social (BUBER, 2008b). Tal fenômeno pode ser efetivado por meio do Diálogo enquanto atitude que encerra

em si elementos do inter-humano: a autenticidade, a presença, a abertura e a conversação genuína (BUBER, 1965, 2009). Estes aspectos nos dizem de uma considerável preocupação de Martin Buber com a esfera humana das relações. Para ele, apesar do homem ser inerentemente relacional, na modernidade, impera aspectos que têm objetivado cada vez mais as relações entre os homens, ocasionando o distanciamento e a solidão. Para Buber, o homem vivencia um verdadeiro processo de desumanização e, na realidade em que se encontra, ele somente poderá ser resgatado por intermédio da conversão ou da formação do caráter.

O caráter — notado pelo filósofo como atitude legitimamente humana — é o objeto da educação, a função educadora é a formação do caráter e o sentido da educação é a vida na comunidade (BUBER, 1982, 2002). Nessa visão, o professor assume um lugar significativamente importante, o de influenciar com sua palavra e com suas ações genuinamente dialógicas, a formação dos caracteres que irão constituir a nova comunidade: modo de vida pelo qual as pessoas poderão edificar autênticas relações inter-humanas, ou seja, isentas de quaisquer interesses que não sejam uma vida vivida comunitariamente.

José Bentes e Huber Lobato: *Retomando os fatos provocados pela situação política atual, você acha que se acirraram os conflitos de alteridades nas discussões sobre classes, gêneros, raças e outros setores?*

Gizele Parreira:

A situação política atual, assim como o que brota dela e, nesse sentido, “os conflitos de alteridades nas discussões sobre classes, gêneros, raças e outros setores” revelam tudo o que Buber identificou, ainda, no início do século XX acerca dos relacionamentos. A realidade questionada por ele, literalmente, no século passado ainda se faz presente. A diferença, entretanto, está na forma como tudo é conduzido e na velocidade com que tudo é propagado, em função dos recursos tecnológicos que facilitam o processo. Fato é que as pessoas não

aceitam as diferenças, não se respeitam, não se “encontram”. Elas se utilizam de um discurso de não-preconceito, não-exclusão e não-discriminação que é falacioso. Isto é triste e muito sério. É nossa essência humana sendo corrompidamente desvirtuada.

O homem moderno se diz contra o preconceito — e afins —, desde que a ideia individual dele — ou do seu “gueto” — prepondere e seu semelhante acate ou concorde. Do contrário, este semelhante é duramente criticado, é excluído, é discriminado, é açoiado com ações, palavras e atitudes de intolerância de ambos os lados. O Diálogo é preterido em face de interesses específicos, que podem ser individuais ou de grupos.

José Bentes e Huber Lobato: *De que forma os debates sobre o tema da alteridade e do diálogo podem ajudar para a compreensão da situação política atual em nosso país?*

Gizele Parreira:

Falar em debate a partir das premissas buberianas chega a ser heresia. Buber foi um ser verdadeiramente humano, cujo interesse era unicamente lidar com pessoas, poder mudar algo nelas, ao mesmo tempo em que se permitia ser mudado por elas (BUBER, 2008a). O mais adequado é falar sobre resgate do humano por intermédio de uma atitude dialógica possibilitadora do encontro entre pessoas. Isso tudo, conforme eu disse anteriormente, envolve a necessidade de uma conversão do homem moderno. Do contrário, palavras como: *Alteridade*, *Diálogo* e, acrescento aqui a *Empatia*, assumem um caráter reducionista, que beira indicação ao título de “piegas”. O homem moderno tem conhecimento, tem recurso tecnológico, tem possibilidade de acesso a tudo isso, mas está desnudo de atitude humana.

Tem uma citação de Buber (2009, p. 57) que gosto muito; nela o filósofo afirma: “Constitui um erro grotesco a noção do homem moderno que o voltar-se-para-o-outro seja um sentimentalismo, e que não está de acordo com a densidade compacta da vida atual [...]”. Sua afirmação de que o voltar-se-para-

o-outro seja impraticável no tumulto desta vida é apenas a confissão mascarada da fraqueza de sua própria iniciativa diante da situação da época; ele consegue que esta situação lhe ordene o que é possível ou permissível, em vez de, como parceiro sereno, estipular com ele – como é possível estipular com qualquer época – qual o espaço e qual a forma que ela deve conceber à existência da criatura.

Por fim, afirmo que mais do que criticar (ou negar) a vida dialógica, é necessário verificar, ponderar e considerar, verdadeiramente, a sistematização, a profundidade e a atualidade contida no discurso e nas obras de Martin Buber (PARREIRA, 2016). Realmente não se trata de uma teoria a ser aplicada. Essa é uma perspectiva reducionista da legítima intenção – da *kavaná* – do filósofo judeu, que acende uma luz sobre nossas cabeças, aclarando a possibilidade real de relações fundamentalmente humanas num mundo açoitado pelo individualismo e pela distância entre as pessoas.

Referências

- BUBER, Martin. *The Knowledge of Man: Selected Essays*. Introduction by Maurice Friedman. New York: Harper Torchbooks, 1965.
- BUBER, Martin. Da função educadora. *Revista Reflexão*, Campinas, n. 23, p. 5-23, maio/ago. 1982.
- BUBER, Martin. *Between Man and Man*. Introduction by Maurice Friedman. London: Routledge, 2002.
- BUBER, Martin. Diálogo entre Carl Rogers e Martin Buber. 1957. Entrevistadores: Carl Rogers e Maurice Friedman. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 14, n. 2, 2008a.
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 2008b.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- PARREIRA, Gizele G. *Martin Buber e o Sentido da Educação*. Goiânia: Editora IFG, 2016.
- ZUBEN, Newton Aquiles von. *Martin Buber: Diálogo e Cumplicidade*. Bauru, SP: Edusc, 2003.